

A informática a serviço da arte

Um vagão de trem do início do século serve de atelier para uma artista plástica de Brasília que está revolucionando o campo da gravura com a ajuda de um microcomputador que se transformou em ferramenta eficaz e econômica na projeção de seus desenhos. Trata-se de Betty Betiol, que tem seu vernissage marcada para hoje, na Galeria Oscar Seráfico, no SCS, Ed. Gilberto Salomão, para mostrar ao público o resultado de dois anos de pesquisa aliando a tecnologia do terceiro milênio à arte milenar que é a gravura em metal.

Esta paulista que vive em Brasília há 20 anos começou a "brincar" com a gravura no atelier de Leda Wattson e hoje, premiada em salões nacionais e internacionais, propõe a utilização da máquina como mais um elemento a serviço do homem no campo das artes.

No Brasil, foi Waldemar da Costa, que apresentou a proposta de utilizar o computador há cerca de 15 anos. Mas o resultado não se concretizou, uma vez que, na época, as máquinas eram enormes, de altíssimo custo, de maneira que esse tipo de pesquisa ficava fechada e restrita a um pequeno e fechado grupo de programadores. Hoje, no entanto, a proposta já tem diversos adeptos. O microcomputador pode ser encontrado em todas as atividades da sociedade moderna. Sua desmistificação e simplificação de manuseio facilitou muito as coisas. Porém, mesmo assim, ainda é grande a resistência por parte dos artistas em usar um elemento tão frio como uma máquina na transmissão da emoção, elemento básico para a criação do artista.

Mas se essa resistência existe por parte dos criadores da arte, não existe no que se refere ao público que reage de forma positiva diante dos trabalhos cuja transparência é limpa e a precisão de traços mais que perfeita.

Na mostra que irá até o dia 30 próximo, Betty Betiol explorará as formas geométricas que sabe trabalhar como poucos. Um total de 15 serigrafias (gravura em seda) e 15 gravuras em metal darão uma ampla visão do que somam os resultados das pesquisas elaboradas por Betty.

Curiosidade

Tudo começou quando entrou lá em casa



Betti Betiol aliando a tecnologia do terceiro milênio à arte milenar

um microcomputador para ajudar na economia doméstica", conta a bem humorada Betty Betiol. "O que chamou a atenção e atizou a curiosidade foram aqueles programas destinados a projetar gráficos. Hoje, usando disquetes comerciais ou outros especialmente desenvolvidos, Betty obtém as mais diversas formas, variações sobre o mesmo tema, amplia, diminui, sobrepõe, de maneira a obter o resultado que espera.

Ela acoplou ao seu micro, uma impressora e uma caneta eletrônica, de forma que primeiro é projetado no vídeo da TV o desenho que ela quer explorar e sua textura; depois passa para o papel e daí produz a chapa, retornando ao processo secular da gravura em metal.

"A máquina tornou-se uma ferramenta a mais misturado ao mundo dos papéis, lá-

minas, ácidos e mais toda a parafernália de objetos que utilizo e, ao contrário do que temiam alguns quando surgiu o computador, ele não despojou a sociedade de seus valores ou de sua personalidade", afirma a artista.

Bem, se no Brasil Betty Betiol torna-se uma das primeiras a apresentar trabalhos em gravuras com a ajuda de computadores, nos Estados Unidos, depois da máquina invadir os estúdios de cinema e televisão, sucede, nas artes plásticas, aos movimentos da "op art" e vídeo arte.

Em São Francisco, ano passado, quando da última exposição da mostra **Siggraph** (Special Interest Group for Graphics), a dominante foi a participação de artistas famosos ou grupos de pesquisas a nível universitário que tomaram espaço mostrando através de seus trabalhos, a dimensão e potencial do computador na área das artes plásticas.

"A emoção" — diz Betty — "é o nosso elemento básico e esse dom a máquina não possui, de maneira que continua sendo o próprio homem o detentor dos segredos desse sentimento e o computador apenas mais um veículo que pode ser utilizado para sua transmissão, em nosso processo criativo".

A exposição, que permanecerá aberta ao público de segunda a sábado, de 9 às 20 horas, poderá ser constatada a revolução que a máquina pode provocar sendo aplicada na projeção dos desenhos. São trabalhos expressivos, detalhados e coloridos.

"No início", segundo Betiol, "os primeiros projetos não obtinham expressão forte, mas fui pesquisando papéis e texturas até encontrar o que queria depois senti a necessidade de tons mais coloridos que o preto e branco dos desenhos e a pesquisa continuou, nem sempre rápida, mas consistente, de forma que hoje trabalho com um mínimo de sete cores e o máximo de 20, o que encarece mais os trabalhos, uma vez que cada tom exige uma chapa diferente e independente das outras". Se alguns ainda temem o computador, pelo menos no campo da arte, que se tranquilizem, é o homem quem o domina e controla.